

sob a luz negra

Capítulo 1

São quase três da manhã e as luzes das sirenes aparecem nos retrovisores do carro blindado. Sinto o coração palpitando forte abaixo do colete à prova de balas enquanto me encolho numa tentativa de ficar escondido pelo encosto do banco do motorista. Engulo seco, mas logo o refluxo traz algo à garganta, um amargo capaz de afastar um paradoxo de esperança de que tudo aquilo simplesmente acabe.

Confiro o espelho lateral. As luzes vermelhas e azuis parecem girar mais rapidamente à medida que crescem sobre o reflexo do meu rosto. Instintivamente busco a rodovia deserta à minha frente, como se aquilo pudesse evitar a abordagem. Afundo o pé no acelerador enxugando o suor da testa com as costas da mão, e experimento a tensão vindo à tona de uma só vez. Todo o preparo para apurar meus sentidos, todos os arranhões e cortes pelo rosto são suprimidos pelos arrepios de medo.

Droga! Sempre escolho as vicinais e agora isso?

Tateio a arma entre a coxa direita e o assento de couro. Sinto os dedos eletrificados pela ansiedade enquanto tento racionalizar parte da minha angústia, mas tudo converge para as mentiras que eu criaria tentando explicar a carga no porta-malas.

— Merda, Oscar! — xingo em voz alta, socando o volante. Eles estão cada vez mais perto. Cogito uma série de manobras, mas sei que com todo o peso da blindagem a mobilidade do Civic está reduzida.

Estava tão perto, porra!

As sirenes ressoam estridentes quando se colocam à minha esquerda, iniciando a ultrapassagem. A concretude do momento me deixa tonto enquanto espero alguma ideia brilhante em meio a uma agitação quase desesperada. Fecho os olhos por um segundo, só consigo ouvir a minha respiração sobrepondo o ronco do motor e os estridentes tons característicos da perseguição.

Busco novamente o espelho externo. As luzes quentes do giroflex se espalham nas laterais do meu carro, envolvendo todo meu rosto. Puxo o volante para direita criando um vão entre nós como se um momento de lucidez afastasse as possibilidades terríveis demais para mencionar.

Andamos lado a lado por alguns metros enquanto observo os tripulantes sem conseguir identificar seus rostos, como se tudo fosse um borrão. Então começo a reduzir. Um riso pequeno e nervoso escapa contra minha vontade junto de uma euforia acompanhada do ácido que novamente sobe pela goela.

Aos poucos a ambulância se afasta deixando um rastro de cores azuladas e vermelhas entre a neblina que se adensa na pista, acalmando por um segundo o temor que me espreita feito um maldito lobo desde que tudo mudou.

Poucos quilômetros depois, jogo o Civic para o acostamento, procurando alguma referência, mas sei que não há nada que indique a entrada da estrada de terra.

Finalmente viro à direita ao notar a clareira. O Civic sacoleja na troca de piso e ouço o conteúdo do porta-malas batendo na estrutura interna. Imediatamente solto a mão destra da direção e olho sobre o ombro, como se pudesse enxergar através do revestimento do banco traseiro.

— Só mais um pouco, estamos chegando! — murmuro com a voz tremendo e sem confiança, virando para frente e pisando um pouco mais no pedal enquanto acendo os faróis de neblina.

Logo a mata começa a se tornar mais densa e a troca de umidade das folhas parece contribuir para que a cerração piore a visibilidade justo no instante que entro no declive, obrigando-me a reduzir mais um pouco. O velocímetro se mantém perto dos vinte quilômetros quando começo a serpentear entre os barrancos que se estreitam lançando galhos e folhas que arranham as laterais e os vidros, competindo com o som das pedrinhas alvejando as calhas das rodas e o assoalho, como se cada cascalho tivesse um peso próprio, audível.

Gostaria de seguir rápido, mas o caminho até o lago é sinuoso e, ao longo desses meses, aprendi que a vantagem em não correr é conseguir evitar ser surpreendido, o que contribui para amenizar o medo do perigo iminente.

A cada metro espio ao redor, embora saiba que a única construção naquele ponto da estrada seja uma casa há muito vazia com um velho Fusca amarelo abandonado com as portas abertas, permitindo visualizar o capim tomando os assentos.

Finalmente acesso o último trecho escorregadio antes da pequena ponte de madeira improvisada, esforçando-me para manter a direção, balanço a cabeça tentando expulsar os pensamentos sinistros que bruxuleiam.

Ao longe avisto a casa toda apagada. Um dia a construção fora um aconchegante chalé, mas agora lembra mais uma cabana precisando de uma pintura e atacada pelo mato que cresce em volta. Mas quem se importa com isso quando o propósito é parecer abandonada?

Passo a mão na nuca acalmando os pelos e me aproximo em baixa velocidade, deixando que os faróis produzam sombras que se estendem ameaçadoramente umas sobre as outras. Esse é o momento mais tenso, sair da proteção do carro blindado e enfrentar o mundo exterior que ressoa abominável em minha volta.

Paro antes da entrada principal torcendo para que não seja tarde demais. Desço de cócoras com a arma em punho, sem deixar a proteção da porta. Investigo o entorno. Hesito sentindo um calafrio à medida que o vento de inverno fustiga todo meu corpo e cada punhado de ar permeia demoradamente as narinas até encher os pulmões.

Aciono uma lanterna tática abaixo da pistola apontando para vários pontos da vegetação. Expiro acompanhando a condensação frente ao meu rosto, mas não encontro nenhum alvo.

Forço quatro passos para o lado e ouço o barulho de um galho se partindo. Paro com um sobressalto, os músculos se retraindo. Por reflexo, espero um segundo fixando a alça de mira no quadrante de origem do som entre as grandes

árvores, que se dobram e sofrem com o vento, tomadas pelos nevoeiros que se assemelham aos fantasmas de uma lembrança presa em algum canto escuro da mente.

Nada.

As lembranças agem como um impulso e rapidamente concluo a volta no carro, destravando o bagageiro. Ilumino a lona preta que cobre todo o conteúdo e depois guardo a lanterna no bolso de trás à medida que me inclino para dentro do porta-malas. Jogo o pacote sobre o ombro esquerdo, sentindo-o ajustar-se com um suspiro.

Abaixo a tampa sem bater e vasculho novamente ao redor com a arma. Avanço furtivamente até a varanda, sentindo o peso aumentar a cada passo até pisar no primeiro degrau da escada que é quando vejo as câmeras de segurança girando em minha direção. Então, escoro na pilastra, escorrego lentamente dobrando os joelhos, acompanhando um estalo da patela esquerda.

Tomo um fôlego e espio pela janela gradeada, percebendo a luz azulada do alarme de presença piscando lá dentro. Recuo um pouco mais, espremendo-me contra a parede. Expiro longamente perscrutando em todas as direções.

Tento avançar de cócoras, mas sou obrigado a parar quando o pacote desliza sobre o colete. Meu instinto de proteção aumenta. Ajusto todo o peso entre o pescoço e o ombro.

Finalmente alcanço o fundo da casa, deparando-me com a porta revestida por grossas chapas de metal e trancada por uma fechadura dupla ao lado de um moderno teclado numérico. Investigo várias vezes por cima do ombro livre antes de digitar o código de entrada. Ouço as trancas magnéticas se

soltarem, produzindo um som no mesmo instante que o alarme de presença pisca pela última vez.

Fico ereto à medida que entro apertando levemente o gatilho da pistola. Então acompanho a porta se fechando automaticamente atrás de mim na mesma hora que uma lâmpada se acende na cozinha. A casa exala um odor peculiar. Os armários quase vazios permanecem abertos como os deixei antes de sair.

Uma gota de suor rola pela têmpora. Esfrego a pele e cuidadosamente deposito o pacote no canto direito, observando a lona preta se ajustar ao conteúdo que se espalha de modo lento.

Cruzo a cozinha e, como se andasse em um labirinto, vasculho os cômodos seguintes correndo os olhos ao longo das paredes cinzas expostas pelos poucos móveis que restaram.

Passo pela janela gradeada da sala, alocada exatamente no lado oposto ao dispositivo de segurança que conferi pelo lado de fora. A única abertura não tapada com tábuas de madeira ou papelão. Fecho a cortina preta enquanto luto para conter a adrenalina.

Enfio a arma entre o jeans e a cintura, por um instante me sinto seguro trancafiado em meu próprio isolamento.

Volto à cozinha e me posiciono ao lado da geladeira. Espalmo as mãos contra o aço inoxidável e me inclino para frente, empurrando vagarosamente o pesado eletrodoméstico tentando não produzir nenhum arranhão no revestimento emborrachado do piso. À medida que forço as panturrilhas para frente, uma abertura se revela, aos poucos, na parede atrás do motor, deixando escapar uma nova onda de cheiro forte e impregnado.

Afasto-me até o ponto onde deixei o conteúdo envolto pela lona preta. Observo o retângulo escuro enquanto arrasto o precioso pacote para perto das minhas botas táticas. Puxo todo o peso para cima, a arma roça as costas, ferindo a pele.

O conteúdo se ajusta sobre o ombro enquanto me comprimo para passar pela entrada estreita. Logo em seguida, alcanço a escada e aproveito o embalo para descer mais rápido. O único barulho é o das botas ecoando enquanto avanço pelos degraus dispostos em um corredor com o teto bastante baixo e iluminado apenas pelos monitores que transmitem toda a movimentação externa, dividindo as telas em vários quadrantes azulados.

Por uma fração de tempo, fico preso à imagem transmitida do carro estacionado antes da entrada principal. A droga do porta-malas não estava fechada como eu imaginava. Antes que conseguisse me lamentar, um gemido contido desvia minha atenção. Viro para frente, direcionando os olhos para baixo onde a claridade dos monitores recai sobre a silhueta de Nina, sentada no chão e abraçando um dos joelhos. A pele parece mais pálida que pela manhã. Ela veste apenas uma camiseta e uma calcinha vermelha. Levanta os olhos, seu rosto mergulhado em uma expressão catatônica.

Observando o pacote depositado em meu ombro, ela força um sorriso compreensivo entre os lábios arroxeados e secos, no instante em que sua pequena mão desliza pelo crânio coberto por esparsos tufo de cabelo. Finjo tentar corresponder, mas acabo demonstrando um desgosto ao franzir o cenho enquanto acompanho o movimento de seus dedos. Ela, então, interrompe o gesto, como se lembrasse que aquilo



Contato:

andresouto.escritor@gmail.com





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em março de 2023.
